

É essa a realidade, não é?  
Vinte anos depois, a sua beleza já  
foi para o lixo, especialmente  
quando arrancaram fora metade  
das suas entranhas.  
O tempo é cruel, não é?  
Não é assim que se diz?

“Como um disco perfeito, esse livro pede uma repetição imediata.”  
*San Francisco Chronicle*

“Brilhantemente  
construído. Uma  
escritora audaz, que  
não tem medo de  
usar tanto suas  
poderosas habilidades  
intuitivas quanto seus  
projetos ambiciosos.”

*Elle*

**“Um romance esplêndido e inesquecível sobre decadência e resignação, sobre indivíduos em um mundo em constante mudança. Egan é uma das escritoras mais talentosas da atualidade.”**

*The New York Review of Books*

“Inteligente. Mordaz. Um livro fundador... Personagens marcantes com os quais você se envolverá à medida que lhes assiste fazer coisas que não deveriam, agir gloriosamente, ser irritantemente humanos.”

*The Chicago Tribune*

**“Em meio a todos os floreios pós-modernos, *A visita cruel do tempo* é tão tradicional quanto um romance de Dickens. O objetivo [de Egan] não é explodir a narrativa convencional, mas explorar como essa narrativa responde às pressões e às oportunidades da época digital.”**

*Newsweek*

“Incrível. O tom do livro é perfeito. Sombrio e espetacularmente engraçado. Egan tem o olhar de um sátiro e o coração de um romancista”

*The New York Times Book Review*

“O ROMANCE DE JENNIFER EGAN É ENGRAÇADO DE UM JEITO SÉRIO, COMPLEXO DE MANEIRA DIRETA... E CONTÉM UMA DAS PROSAS MAIS EFERVESCENTES DO ANO.”

*The Telegraph*

**A VISITA**  
**JENNIFER CRUEL**  
**EGAN DO TEMPO**

TRADUÇÃO DE FERNANDA ÁBREU



Copyright © 2010 Jennifer Egan

TÍTULO ORIGINAL

A Visit From the Goon Squad

PREPARAÇÃO

Ana Kronemberger

REVISÃO

Taís Monteiro

Bruno Fiuza

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira

“The Passenger”

Escrito por Iggy Pop e Ricky Gardiner © 1977 (Renewed) Bug Music (BMI), Ricky Gardiner Songs (PRS)/Admin. by Bug Music and EMI Music Publishing Ltd.

Todos os direitos reservados, usado sob permissão.

Reimpresso por Permissão de Hal Leonard Corporation.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E27v Egan, Jennifer

A visita cruel do tempo / Jennifer Egan ; tradução de Fernanda Abreu. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

336p. : 23 cm

Tradução de: A visit from the goon squad

ISBN 978-85-8057-129-5

1. Romance americano. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

11-6909.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2012]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Peter M.,  
com gratidão

“Alegam os poetas que, ao adentrar alguma casa ou algum jardim onde moramos quando jovens, reencontramos por um instante aquilo que já fomos. São peregrinações muito arriscadas, que produzem em igual medida sucessos e desilusões. Esses lugares fixos, contemporâneos de outros anos, é dentro de nós mesmos que mais convém encontrá-los.”

“O desconhecido na vida alheia é como o da natureza, que cada nova descoberta científica só faz reduzir sem jamais abolir por completo.”

Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*

A





# 1

## Achados e perdidos

Começou como sempre começa, no banheiro do Hotel Lassimo. Sasha estava retocando a sombra amarela dos olhos no espelho quando reparou em uma bolsa no chão ao lado da pia, que devia pertencer à mulher cujo jato de urina se podia vagamente escutar através da porta do cubículo semelhante à de um cofre-forte. Na borda da bolsa, quase imperceptível, havia uma carteira de couro verde-claro. Ao lembrar o ocorrido, ficava evidente para Sasha que a confiança cega da mulher a provocara: *Nós moramos em uma cidade onde as pessoas são capazes de roubar os cabelos da sua cabeça se tiverem a mínima chance, mas mesmo assim você deixa seus pertences totalmente à vista e conta com que estejam à sua espera quando você voltar?* Aquilo lhe deu vontade de ensinar uma lição à mulher. Mas esse desejo só fez camuflar a sensação mais profunda que Sasha sempre tinha: aquela carteira gorda e macia, oferecendo-se à sua mão – parecia tão sem graça, tão lugar-comum simplesmente deixá-la ali em vez de aproveitar a ocasião, aceitar o desafio, dar o salto, sair correndo, mandar a cautela às favas, viver perigosamente (“Já entendi”, disse Coz, seu terapeuta) e *pegar* a porcaria da carteira.

– Roubar, você quer dizer.

Ele estava tentando fazer Sasha usar essa palavra, que era mais difícil de evitar no caso de uma carteira do que no de muitas outras coisas que ela havia furtado ao longo do último ano, quando o seu distúrbio (era assim que

Coz o chamava) começara a se intensificar: cinco chaveiros, 14 óculos escuros, um cachecol infantil listrado, um binóculo, um ralador de queijo, um canivete, 28 sabonetes e 85 canetas, desde as esferográficas baratas do tipo que ela usava para assinar os recibos do cartão de débito até a Visconti cor de berinjala que custava 260 dólares na internet e que ela havia roubado do advogado de seu ex-patrão durante uma reunião para assinar contratos. Sasha agora não roubava mais em lojas – suas mercadorias frias e inertes não a seduziam. Só roubava de pessoas.

– Tá, é, roubar – disse ela.

Sasha e Coz haviam batizado a sensação que a acometia de “desafio pessoal”, ou seja: pegar a carteira era para Sasha uma forma de afirmar sua coragem, sua individualidade. O que precisavam fazer era modificar seu pensamento para que o desafio não fosse mais pegar a carteira, mas sim *deixá-la onde estava*. Isso seria a cura, embora Coz nunca usasse palavras como “cura”. Ele vestia suéteres moderninhos e a deixava chamá-lo pelo apelido, mas era muito tradicional e tão inescrutável que Sasha não saberia dizer se era gay ou hétero, se havia escrito livros famosos ou se (como ela às vezes desconfiava) era um daqueles presidiários foragidos que se fazem passar por cirurgiões e acabam esquecendo bisturis e outros instrumentos dentro da cabeça dos pacientes. Essas dúvidas, é claro, poderiam ter sido solucionadas no Google em menos de um minuto, mas (segundo Coz) eram dúvidas úteis, e até ali Sasha havia resistido.

O divã da sala dele em que ela se deitava era de couro azul e muito macio. Coz havia lhe dito que gostava do divã porque este poupava ambos do fardo de um contato visual.

– Você não gosta de contato visual? – perguntara Sasha. Parecia algo estranho para um terapeuta admitir.

– Acho cansativo – respondera ele. – Assim nós dois podemos olhar para onde quisermos.

– E para onde você vai olhar?

Ele sorriu.

– Você está vendo as minhas alternativas.

– Para onde costuma olhar? Quando as pessoas estão deitadas no divã?

– Em volta da sala – respondeu Coz. – Para o teto. Para nada.

– Você dorme de vez em quando?

– Não.

Sasha em geral olhava para a janela que dava para a rua, e nessa noite, enquanto continuava a contar sua história, a janela estava riscada pela chuva. Sasha então tinha visto a carteira, macia e madura feito um pêssego. Tinha tirado a carteira da bolsa da mulher e posto dentro da própria bolsa diminuta, cujo zíper havia fechado antes de o som da urina silenciar. Havia aberto a porta do banheiro e tornado a cruzar o saguão até o bar. Ela e a dona da carteira não haviam chegado a se ver.

Antes da carteira, Sasha estava tendo uma noite difícil: um encontro ruim (mais um) com um cara emburrado escondido atrás de uma franja escura, espiando de vez em quando a tv de tela plana em que uma partida dos Jets parecia ser mais interessante do que as histórias notoriamente exageradas de Sasha sobre Bennie Salazar, seu ex-patrão, famoso por ter criado o selo fonográfico Sow's Ear, e que também (como Sasha por acaso sabia) salpicava flocos de ouro no café – como afrodisíaco, desconfiava ela – e passava repelente no sovaco.

Depois da carteira, porém, a cena toda pulsava com interessantes possibilidades. Sasha sentiu o olhar dos garçons quando estava andando de volta para a mesa e segurava a bolsa com seu peso secreto. Sentou-se, tomou um gole de seu Melon Madness Martini e inclinou a cabeça para Alex. Sorriu seu sorriso de sim/não.

– Olá – disse ela.

O sorriso de sim/não era espantosamente eficaz.

– Você está feliz – disse Alex.

– Eu estou sempre feliz – disse Sasha. – É que às vezes eu esqueço.

Alex havia pagado a conta enquanto ela estava no banheiro – indício claro de que estava prestes a abortar o programa. Mas então examinou seu rosto.

– Está a fim de ir para outro lugar?

Os dois se levantaram. Alex estava usando uma calça preta de veludo cotelê e uma camisa branca social. Era auxiliar de advocacia. Por e-mail, era um cara divertido, quase engraçado, mas pessoalmente parecia ao mesmo tempo nervoso e entediado. Sasha podia ver que tinha uma ótima forma física, não porque frequentasse a academia, mas porque era jovem o suficiente para o seu corpo ainda carregar as marcas dos esportes que havia praticado no ensino médio e na faculdade. Sasha, aos 35 anos, já havia passado dessa fase. Apesar disso, nem

mesmo Coz sabia a sua verdadeira idade. O mais perto que alguém já chegara tinha sido 31, e a maioria ainda achava que ela não tinha chegado aos trinta. Sasha malhava diariamente e nunca tomava sol. Todos os seus perfis na internet informavam a idade de 28 anos.

Enquanto seguia Alex para fora do bar, ela não pôde resistir à tentação de abrir o zíper da bolsa e tocar a carteira verde e gorda só por um segundo, saboreando a contração que isso provocou em volta de seu coração.

– Você tem consciência do que o ato de roubar a faz *sentir* – disse Coz. – A ponto de lembrar isso a si mesma para melhorar o seu humor. Mas alguma vez pensa no que esse ato provoca na outra pessoa?

Sasha inclinou a cabeça para trás e olhou para o terapeuta. Fazia questão de agir assim de vez em quando simplesmente para lembrar a Coz que não era uma idiota – sabia que a pergunta tinha uma resposta certa. Ela e Coz eram colaboradores e estavam escrevendo uma história cujo fim já estava predeterminado: ela iria ficar boa. Pararia de roubar coisas dos outros e recomençaria a valorizar as coisas que outrora lhe eram caras: a música; a rede de amigos que tinha formado ao chegar a Nova York; uma série de objetivos que havia rabiscado em uma grande folha de papel-jornal e pregado com fita adesiva nas paredes de seus primeiros apartamentos.

Arrumar uma banda para agenciar

Entender o noticiário

Aprender japonês

Praticar harpa

– Eu não penso nas pessoas – respondeu Sasha.

– Mas não é por falta de empatia – disse Coz. – Nós sabemos disso por causa do bombeiro.

Sasha deu um suspiro. Fazia mais ou menos um mês que havia contado a Coz a história do bombeiro, e desde então ele dava um jeito de se referir a ela em quase todas as sessões. O bombeiro era um velhote mandado pelo proprietário do apartamento de Sasha para investigar um vazamento no apartamento embaixo do seu. Fora bater na porta de Sasha com sua cabeça cheia de tufos de

cabelos grisalhos e, em menos de um minuto, *bum*, jogara-se no chão e rastejara para debaixo da sua banheira como um animal que se enfia dentro de um buraco conhecido. De tão encardidos, os dedos que ele esticou para os parafusos atrás da banheira pareciam guimbas de charuto, e o ato de erguer os braços fez seu suéter de moletom se levantar e deixar aparecerem as costas brancas. Sasha virou-se para o outro lado, chocada com a humilhação daquele velho e ansiosa para sair de casa rumo a seu emprego temporário, mas o bombeiro já estava falando com ela, querendo saber a duração e a frequência de seus banhos de chuveiro.

– Eu nunca uso esse chuveiro – respondeu ela, sucinta. – Sempre tomo banho na academia. – Ele aquiesceu sem tomar conhecimento do tom grosseiro dela, aparentemente acostumado com isso. O nariz de Sasha começou a coçar; ela fechou os olhos e apertou as mãos com força nas têmporas.

Ao abrir os olhos, viu o cinturão de ferramentas jogado no chão a seus pés. Dentro do cinturão havia uma linda chave de fenda cujo cabo laranja translúcido reluzia qual um pirulito dentro de seu compartimento de couro surrado, e cuja haste prateada e esculpida cintilava. Sasha sentiu-se contrair ao redor daquele objeto em um espasmo de ânsia: precisava segurar aquela chave de fenda, nem que fosse apenas por um minuto. Dobrou os joelhos e a removeu do cinturão sem fazer barulho. Nada produziu qualquer ruído; em geral, suas mãos ossudas eram desajeitadas, mas ela era boa naquilo – *fora feita para aquilo*, como sempre pensava nos primeiros e embriagantes segundos depois de pegar alguma coisa. Uma vez com a chave de fenda nas mãos, sentiu um alívio instantâneo da dor de ter um velho de costas flácidas remexendo debaixo da sua banheira, e depois algo mais do que alívio: sentiu uma abençoada indiferença, como se a simples ideia de sentir dor por um motivo assim fosse incompreensível.

– E depois que ele foi embora? – perguntara Coz depois de Sasha lhe contar a história. – O que você pensou sobre a chave de fenda depois que ele foi embora?

Ela demorou a responder.

– Que era normal – falou.

– É mesmo? Não era mais especial?

– Igual a qualquer chave de fenda.

Sasha tinha ouvido Coz se mexer atrás dela e sentido alguma coisa acontecer na sala: a chave de fenda, que ela havia posto em cima da mesa (recente-

mente complementada com uma segunda mesa) na qual colocava os objetos que roubava e para a qual mal havia olhado desde então, pareceu ficar suspensa no ar do consultório. A chave flutuava entre eles: era como um símbolo.

– E o que você sentiu? – perguntou Coz em voz baixa. – O que sentiu depois de roubar a chave de fenda daquele bombeiro do qual tinha pena?

O que ela sentiu? *O que ela sentiu?* É claro que havia uma resposta certa para aquela pergunta. Às vezes, Sasha precisava lutar contra o impulso de mentir apenas para privar Coz dessa resposta.

– Eu me senti mal – respondeu. – Tá bom? Me senti mal. Porra, eu estou indo à falência para pagar você... é claro que sei que isso não é um jeito muito bom de se viver.

Mais de uma vez, Coz havia tentado relacionar o bombeiro ao pai de Sasha, que tinha desaparecido quando ela estava com 6 anos. Ela tomava cuidado para não embarcar nessa linha de pensamento.

– Eu não me lembro do meu pai – disse ela a Coz. – Não tenho nada a dizer. – Fazia isso tanto para a proteção de Coz quanto para a sua própria: eles estavam escrevendo uma história de superação, de novos começos e segundas chances. Mas essa era uma direção na qual só havia tristeza.

Sasha e Alex atravessaram o saguão do Hotel Lasso em direção à rua. Sasha segurava a bolsa agarrada ao ombro, com o volume morno da carteira aninhado junto à axila. Quando passaram pelos galhos angulosos cheios de brotos junto às grandes portas de vidro que davam para a rua, uma mulher cruzou seu caminho.

– Esperem aí – disse ela. – Vocês não viram... Estou desesperada.

Sasha sentiu uma pontada de pânico. Era a mulher cuja carteira ela havia roubado – percebeu isso na hora, embora a pessoa à sua frente não se parecesse em nada com a esguia dona da carteira que ela havia imaginado, com os cabelos pretos retintos. Aquela mulher tinha olhos castanhos vulneráveis e usava sapatos baixos e pontudos que estalavam alto demais no piso de mármore. Seus cabelos castanhos frisados tinham vários fios grisalhos.

Sasha segurou o braço de Alex para tentar conduzi-lo pelas portas. Sentiu o espasmo de surpresa dele quando o tocou, mas ele aguentou firme.

– Não vimos o quê? – perguntou ele.

– Alguém roubou minha carteira. Minha identidade estava lá dentro, e amanhã de manhã tenho que pegar um avião. Estou desesperada! – Ela encarava ambos com uma expressão de súplica. Era o tipo de apelo franco que os nova-iorquinos aprendiam rapidamente a reprimir e Sasha se retraiu. Em nenhum momento havia lhe ocorrido que a mulher pudesse ser de fora da cidade.

– A senhora chamou a polícia? – perguntou Alex.

– O recepcionista do hotel disse que vai chamar. Mas também estou pensando... será que a minha carteira poderia ter caído em algum lugar? – Ela olhou para o piso de mármore sob seus pés com um ar indefeso. Sasha relaxou um pouco. Aquela mulher era do tipo que incomodava os outros sem ter a intenção de fazê-lo. Mesmo naquela situação, enquanto seguia Alex até a mesa do recepcionista, cada gesto seu era permeado por uma atitude de quem pedia desculpas. Sasha foi atrás deles.

– Alguém está ajudando esta senhora? – ouviu Alex perguntar.

O recepcionista era jovem e tinha os cabelos espetados.

– Já chamamos a polícia – disse ele, na defensiva.

Alex virou-se para a mulher.

– Onde foi?

– No banheiro. Eu acho.

– Quem mais estava lá?

– Ninguém.

– Não tinha mais ninguém no banheiro?

– Talvez tivesse, mas eu não vi.

Alex virou-se para Sasha.

– Você acabou de ir ao banheiro – disse ele. – Por acaso não viu alguém?

– Não – ela conseguiu responder. Tinha um ansiolítico dentro da bolsa, um Xanax, mas não podia abrir a bolsa. Mesmo com o zíper fechado, tinha medo de que a carteira fosse aparecer de alguma forma que ela não pudesse controlar, desencadeando uma cascata de horrores: prisão, vergonha, miséria, morte.

Alex virou-se para o recepcionista.

– Por que sou eu quem está fazendo essas perguntas, e não o senhor? – indagou ele. – Uma pessoa acaba de ser roubada dentro do seu hotel. Aqui por acaso não tem segurança?

As palavras “roubada” e “segurança” conseguiram penetrar o ruído de fundo tranquilizador que permeia não apenas o Lassimo, mas todos os hotéis de Nova York. Ouviu-se uma leve onda de interesse percorrer o saguão.

– Eu já chamei a segurança – disse o recepcionista, ajeitando o pescoço. – Vou chamar outra vez.

Sasha olhou de relance para Alex. Ele estava com raiva, e a raiva dele o tornava reconhecível de um jeito que uma hora de conversa fiada (a maior parte mantida por ela, é bem verdade) não fora capaz de fazer: estava em Nova York há pouco tempo. Vinha de alguma cidade menor. Tinha uma ou duas coisinhas a provar sobre como as pessoas deveriam tratar umas às outras.

Surgiram então dois agentes de segurança, iguais aos que se veem na TV: uns caras grandões cuja boa educação esmerada estava de alguma forma ligada à sua capacidade de partir cabeças. Eles se afastaram para verificar o bar. Sasha desejou com afã ter deixado a carteira lá, como se isso fosse um impulso ao qual ela quase não houvesse resistido.

– Vou dar uma olhada no banheiro – disse ela a Alex e forçou-se a dar a volta lentamente na coluna do elevador. O banheiro estava vazio. Sasha abriu a bolsa, tirou a carteira, achou seu frasco de Xanax e pôs um comprimido entre os dentes. O remédio funcionava mais rápido quando mastigado. Enquanto o gosto amargo enchia sua boca, ela olhou em volta, tentando decidir onde jogar a carteira: no cubículo da privada? Debaixo da pia? Tomar essa decisão a paralisava. Para sair ilesa, precisava fazer aquilo direito, e se conseguisse, se saísse ilesa – sentiu-se tomada pela ideia delirante de fazer uma promessa a Coz.

A porta do banheiro se abriu e a dona da carteira entrou. Seus olhos frenéticos cruzaram com os de Sasha no espelho do banheiro: estreitos, verdes, igualmente frenéticos. Houve uma pausa, e durante essa pausa Sasha sentiu que estava sendo confrontada: a mulher sabia, sempre soubera. Sasha entregou-lhe a carteira. Pela sua expressão chocada, viu que estava errada.

– Desculpe – falou rapidamente. – É um problema que eu tenho.



A mulher abriu a carteira. Seu alívio físico por tê-la recuperado varou Sasha em uma onda quente, como se os corpos das duas houvessem se fundido.

– Está tudo aí, eu juro – disse ela. – Eu nem abri. É um problema que eu tenho, mas já estou me tratando. Eu só... por favor, não diga nada. Eu estou por um fio.

A mulher ergueu a cabeça e seus suaves olhos castanhos examinaram o rosto de Sasha. O que ela viu? Sasha desejou poder se virar e tornar a se olhar no espelho, como se alguma coisa nela fosse finalmente ser revelada – alguma coisa perdida. Mas ela não se virou. Ficou parada e deixou a mulher olhar. Surpreendeu-se ao constatar que esta era mais ou menos da sua idade – da sua idade real. Provavelmente tinha filhos.

– Tá bom – disse a mulher, baixando os olhos. – Fica tudo entre nós.

– Obrigada – disse Sasha. – Obrigada, obrigada. – O alívio e as primeiras ondas suaves do Xanax fizeram-na sentir uma fraqueza, e ela se apoiou na parede. Sentiu a aflição da mulher para ir embora dali. Teve vontade de deslizar até o chão.

Alguém bateu na porta e uma voz masculina perguntou:

– Acharam alguma coisa?

Sasha e Alex saíram do hotel para uma Tribeca deserta e ventosa. Ela havia sugerido o Lasso por hábito. Ficava mais perto da Sow's Ear Records, onde ela trabalhara por 12 anos como assistente de Bennie Salazar. Mas ela detestava o bairro à noite sem o World Trade Center, cujos ofuscantes e retos fâcos de luz sempre a haviam enchido de esperança. Estava cansada de Alex. Em meros vinte minutos, eles haviam passado de uma conexão significativa causada por uma experiência compartilhada para o estado menos atraente de pessoas que se conhecem bem demais. Alex estava usando um gorro de malha na cabeça. Seus cílios eram longos e pretos.

– Isso foi estranho – comentou ele por fim.

– É – concordou Sasha. – Então, depois de uma pausa, completou: – Encontrar a carteira, você diz?

– A situação toda. Mas sim. – Ele se virou para ela. – A carteira estava tipo escondida?

– Estava caída no chão. No canto. Quase atrás de um vaso de planta. – A enunciação dessa mentira fez gotas de suor brotarem de seu couro cabeludo anestesiado pelo Xanax. Ela pensou em dizer: *Na verdade não havia vaso de planta*, mas conseguiu se conter.

– Foi quase como se ela tivesse feito de propósito – disse Alex. – Para chamar atenção, sei lá.

– Ela não parecia esse tipo de pessoa.

– Não dá para saber. Estou aprendendo isso aqui em Nova York: não dá para ter a menor ideia de como as pessoas são. Não que elas tenham duas caras... Elas têm, sei lá, personalidade múltipla.

– Ela não era de Nova York – disse Sasha, irritada com esse equívoco ao mesmo tempo em que tentava preservá-lo. – Lembra? Ela ia pegar um avião.

– É verdade – disse Alex. Ele fez uma pausa e inclinou a cabeça, olhando para Sasha na calçada mal-iluminada ao seu lado. – Mas entende o que estou falando? Sobre as pessoas?

– Entendo – respondeu ela, cautelosa. – Mas acho que a gente se acostuma.

– Eu preferiria que a gente fosse para outro lugar.

Sasha levou alguns instantes para entender.

– A gente não tem mais nenhum lugar para ir – disse ela.

Alex virou-se para ela, espantado. Então sorriu. Sasha sorriu de volta – não seu sorriso de sim/não, mas outro parecido.

– É claro que tem – disse Alex.

Pegaram um táxi e subiram de escada os quatro andares até o apartamento de Sasha no Lower East Side. Fazia seis anos que ela morava lá. O apartamento recendia a velas aromatizadas e havia um pano de veludo cobrindo seu sofá-cama e várias almofadas, além de uma velha tv em cores com uma imagem muito boa e vários suvenires de suas viagens espalhados pelos peitoris das janelas: uma concha branca, um par de dados vermelhos, uma latinha vermelha

de pomada chinesa que endurecera até ficar com textura de borracha, um minúsculo bonsai que ela regava religiosamente.

– Olha só! – disse Alex. – Tem uma banheira na sua cozinha! Eu já tinha ouvido falar nisso... quer dizer, tinha lido a respeito, mas não sabia muito bem se ainda existia alguma. O chuveiro é novo, não é? Este é um apartamento com banheira na cozinha, certo?

– É – respondeu Sasha. – Mas eu quase nunca uso. Tomo banho na academia.

A banheira estava coberta com uma tábua de madeira sobre a qual Sasha empilhava seus pratos. Alex correu as mãos pela borda da banheira e examinou os pés em forma de garra. Sasha acendeu as velas, pegou uma garrafa de grapa no armário da cozinha e encheu dois copinhos.

– Adorei seu apartamento – disse Alex. – Parece coisa da Nova York de antigamente. A gente sabe que esse tipo de lugar existe, mas como encontrar?

Sasha se apoiou na banheira ao lado dele e tomou um golinho de grapa. A bebida veio com gosto de Xanax. Ela estava tentando se lembrar da idade que Alex havia informado em seu perfil. Achava que fosse 28, mas ele parecia mais jovem, talvez bem mais jovem. Ela viu o próprio apartamento como ele devia estar vendo – um lugar pitoresco que logo iria se apagar em meio ao turbilhão de aventuras que todos tinham ao chegar a Nova York pela primeira vez. Pensar que ela seria um pequeno clarão em meio às lembranças difusas que Alex tentaria organizar dali a um ou dois anos deixou Sasha abalada: *Onde era mesmo aquele apartamento da banheira? Quem era aquela garota?*

Ele se levantou da banheira para explorar o resto do apartamento. Em um dos lados da cozinha ficava o quarto de Sasha. No outro, de frente para a rua, ficava sua sala de estar-quartinho-escritório, onde cabiam duas poltronas estofadas e a mesa que ela usava para projetos externos – divulgação de bandas nas quais acreditava, resenhas curtas para as revistas *Vibe* ou *Spin* –, embora estes houvessem diminuído drasticamente nos últimos anos. Na verdade, o apartamento inteiro, que seis anos antes lhe parecera um ponto intermediário no caminho para algum lugar melhor, havia acabado por se solidificar ao redor de Sasha, ganhando massa e peso, até ela se sentir ao mesmo tempo atolada ali e sortuda por estar naquele lugar – como se não apenas fosse incapaz de se mexer, mas também não quisesse fazê-lo.

Alex inclinou o corpo para examinar a pequena coleção nos peitoris das janelas. Parou diante do retrato de Rob, o amigo de Sasha que havia morrido afogado na faculdade, mas não comentou nada. Não havia reparado nas mesas sobre as quais ela guardava a pilha de coisas que havia furtado: canetas, binóculo, chaves, o cachecol infantil que havia roubado simplesmente deixando de devolvê-lo quando ele caíra do pescoço de uma menininha que a mãe conduzia pela mão para sair de uma Starbucks. Naquela época, Sasha já fazia terapia com Coz, de modo que reconheceu a litania de desculpas conforme estas passaram latejando por sua cabeça: o inverno já está quase no fim; crianças crescem muito depressa; crianças odeiam cachecol; já é tarde, elas foram embora; estou com vergonha de devolver; eu poderia facilmente não ter visto o cachecol cair – na verdade não vi, só estou reparando nele agora: *Olha, um cachecol! Um cachecol de criança amarelo-ovo com listras cor-de-rosa – que pena, de quem poderia ser? Bom, vou só pegar e ficar segurando um instante...* Em casa, havia lavado o cachecol à mão e dobrado a peça com cuidado. Era um dos seus objetos preferidos.

– O que são essas coisas todas? – perguntou Alex.

Ele agora havia descoberto as mesas e estava com os olhos grudados na pilha de objetos. Aquilo parecia obra de um castor miniaturista: uma pilha de objetos incompreensível, mas obviamente não aleatória. Aos olhos de Sasha, as mesas quase tremiam tamanha sua carga de constrangimentos, escapadas por um triz, pequenas vitórias e instantes de puro arrebatamento. Eram anos de sua vida ali condensados. A chave de fenda estava perto da borda. Sasha chegou mais perto de Alex, atraída pela visão dele em pé olhando para tudo aquilo.

– E o que você sentiu ali em pé com Alex diante de todas aquelas coisas que havia roubado? – quis saber Coz.

Sasha virou o rosto e o encostou no divã azul, porque suas bochechas estavam quentes e ela detestava quando isso acontecia. Não queria explicar para Coz a mistura de sentimentos que a invadira enquanto estava ali em pé com Alex: o orgulho que sentia daqueles objetos, uma ternura superada apenas pela vergonha da maneira como tinham sido adquiridos. Ela havia arriscado tudo, e ali estava o resultado: aquele era o núcleo sensível, distorcido de sua vida. Ver Alex passear os olhos pela pilha de objetos despertou alguma coisa dentro de Sasha. Ela passou os braços em volta dele por trás e ele se virou, surpreso,

mas receptivo. Ela lhe deu um beijo na boca, em seguida abriu sua braguilha e descalçou as próprias botas. Alex tentou conduzi-la até o outro cômodo, onde poderiam se deitar no sofá-cama, mas Sasha caiu de joelhos ao lado das mesas e o puxou para o chão, sentindo o tapete persa pinicar suas costas e vendo a luz do poste da rua entrar pela janela e iluminar o rosto ávido e esperançoso dele, e as coxas brancas nuas.

Depois, os dois passaram um longo tempo deitados ali. As velas começaram a crepitar. Sasha distinguiu a forma espinhosa do bonsai destacada contra a janela junto à sua cabeça. Toda a sua animação havia se esvaído, deixando em seu lugar uma terrível tristeza, um vazio que tinha um quê de violência, como se ela estivesse oca. Levantou-se cambaleando e torcendo para Alex ir embora logo. Ele ainda estava de camisa.

– Sabe o que eu queria fazer? – disse ele, levantando-se. – Tomar um banho naquela banheira.

– Pode tomar – disse Sasha com uma voz sem timbre. – Está funcionando. O bombeiro veio aqui outro dia.

Ela subiu a calça jeans e deixou-se cair sobre uma cadeira. Alex foi até a banheira, retirou cuidadosamente os pratos de cima da tábua e a removeu. A torneira pôs-se a esguichar água. A força do jato sempre havia espantado Sasha nas poucas vezes em que ela havia usado a banheira.

A calça preta de Alex estava embolada no chão aos pés de Sasha. A forma quadrada de sua carteira havia puído o veludo em um dos bolsos de trás, como se ele usasse muito aquela calça e sempre com a carteira no mesmo bolso. Sasha olhou de relance para ele. Um vapor se erguia da banheira quando ele pôs a mão para testar a água. Tornou então a se aproximar da pilha de objetos e curvou-se para mais perto como quem procura algo específico. Sasha ficou olhando-o, torcendo para sentir o mesmo estremecimento de euforia que tinha sentido antes, mas nada aconteceu.

– Posso usar isto aqui? – Ele segurava um pacotinho de sais de banho que Sasha havia roubado alguns anos antes de sua melhor amiga, Lizzie, antes que elas parassem de se falar. Os sais ainda repousavam dentro de seu invólucro com estampa de bolinhas. Estavam bem no meio da pilha, que havia desabado um pouco quando Alex os removeu. Como ele os tinha visto?

Sasha hesitou. Ela e Coz já tinham conversado muitas vezes sobre o motivo que a levava a manter os objetos roubados separados do restante de sua vida: porque usá-los significaria ganância ou interesse próprio; porque deixá-los intactos dava a impressão de que ela um dia iria devolvê-los; porque formar uma pilha com eles impedia a dissipação de seu poder.

– Acho que sim – disse ela. – Acho que pode. – Estava consciente de ter feito um movimento na história que estava escrevendo com Coz, de ter dado um passo simbólico. Mas seria um movimento em direção ao final feliz ou no sentido contrário?

Sentiu a mão de Alex em sua nuca, afagando seus cabelos.

– Você gosta da água quente ou morna? – perguntou ele.

– Quente – respondeu ela. – Muito, muito quente.

– Eu também. – Ele voltou para junto da banheira, mexeu nas torneiras e despejou na água um pouco dos sais de banho, e o cômodo se encheu na mesma hora com um aroma vaporoso de plantas que era intimamente conhecido de Sasha: o cheiro do banheiro de Lizzie na época em que Sasha tomava uma chuveirada lá depois de as duas irem correr juntas no Central Park.

– Cadê as suas toalhas? – perguntou Alex da cozinha.

Ela guardava as toalhas dobradas dentro de um cesto no banheiro. Alex foi pegá-las, em seguida fechou a porta do banheiro. Sasha ouviu quando ele começou a fazer xixi. Ajoelhou-se no chão, tirou a carteira dele do bolso da calça e a abriu, sentindo o coração se acender com uma pressão repentina. Era uma carteira preta comum, meio ruça nas bordas. Ela percorreu rapidamente o conteúdo: um cartão de débito, um crachá de trabalho, uma carteirinha da academia. Em uma divisória lateral, uma fotografia desbotada de dois meninos e uma menina de aparelho nos dentes posando em uma praia, com os olhos apertados. Um time esportivo de uniforme amarelo, com as cabeças tão pequenas que ela mal podia saber se uma delas pertencia a Alex. Entre as fotografias com orelhas nos cantos, um pedacinho de papel de fichário caiu no colo de Sasha. Parecia muito antigo, com as bordas rasgadas e as linhas azuis quase apagadas. Sasha desdobrou o papel e viu, escritas com um lápis grosso, as palavras EU ACREDITO EM VOCÊ. Congelou ao ler aquilo. As palavras pareceram avançar do pedacinho de papel na sua direção como se fosse por um túnel, trazendo consigo uma

onda de constrangimento por Alex, que havia guardado aquele tributo surrado dentro daquela carteira surrada, seguida por uma vergonha de si mesma por tê-las lido. Distinguia vagamente as torneiras da pia sendo abertas e a necessidade de agir depressa. Com gestos rápidos e mecânicos, tornou a arrumar a carteira, mantendo o pedaço de papel na mão. Vou só ficar segurando, teve consciência de dizer a si mesma enquanto tornava a guardar a carteira no bolso da calça dele. Depois eu devolvo; ele provavelmente nem se lembra de que estava guardando esse papel; na verdade, vou lhe fazer um favor por tirar isso daqui antes que alguém encontre. Vou dizer: *Ei, eu vi isso caído no tapete, é seu?* E ele vai dizer: *Esse papel? Eu nunca vi isso antes – deve ser seu, Sasha.* E talvez seja mesmo. Talvez alguém tenha me dado esse papel anos atrás e eu tenha me esquecido.

– E você fez isso? Devolveu? – perguntou Coz.

– Não tive oportunidade. Ele saiu do banheiro.

– E depois? Depois do banho? Ou na vez seguinte em que vocês se encontraram?

– Depois do banho, ele vestiu a calça e foi embora. Não falei com ele desde então.

Houve uma pausa durante a qual Sasha teve a nítida sensação da presença de Coz atrás dela, à espera. Queria muito agradá-lo, dizer algo do tipo: *Foi um momento decisivo; tudo agora está diferente*, ou então *Liguei para Lizzie e finalmente fizemos as pazes*, ou ainda *Voltei a tocar harpa*, ou simplesmente *Estou mudando, estou mudando, estou mudando: mudei!* Superação, transformação – Deus bem sabia quanto ela ansiava por essas coisas. A cada dia, a cada minuto. Todo mundo não ansiava por isso?

– Por favor – disse ela a Coz. – Não pergunte como estou me sentindo.

– Tudo bem – respondeu ele baixinho.

Ficaram ambos sentados em silêncio, o silêncio mais longo que já houvera entre os dois. Sasha olhou para a vidraça da janela, continuamente varrida pela chuva, embaçando as luzes sob o crepúsculo. Permaneceu deitada com o corpo tensionado, apoderando-se do divã, de seu espaço naquela sala, de sua vista da janela e das paredes, do leve murmúrio que sempre havia ali quando ela escutava, e daqueles minutos do tempo de Coz: um, depois outro, depois mais outro.